

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DE CINEMA

27 de setembro de 2023

A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: YVONNE RAINER

FEELINGS ARE FACTS: THE LIFE OF YVONNE RAINER (2015)

Realização e argumento: Jack Walsh / **Entrevistas e filmagens com:** Yvonne Rainer, B. Ruby Rich, Wendy Perron, Steve Paxton, Emily Coates, Carolee Schneemann, Simone Forti, Pat Catterson, Nancy Green Peck, Douglas Crimp, Steve Anker, Su Friedrich, Patricia White, Audrey Goodfriend, Ruth Rainero, Colin Beatty, Patricia Hoffbauer, Sally Silvers / **Montagem:** Laurie Lezin-Schmidt, Bill Weber / **Direção de Fotografia:** Marsha Kahm / **Mistura e edição de som:** Dan Olmsted / **Captação de som:** Merce Williams, Theresa Radka

Produtor: Christine Murray, Jack Walsh / **Cópia:** digital, a cores, legendado eletronicamente em português / **Duração:** 86 minutos / **Estreia mundial:** Festival Internacional de Cinema de Berlim, a 12 de fevereiro de 2015 / *Primeira exibição na cinemateca.*

Bailarina, inovadora, professora, cineasta, intelectual, feminista, coreógrafa. Assim é descrita Yvonne Rainer no filme de Jack Walsh, FEELINGS ARE FACTS. Figura pioneira do movimento de vanguarda dos anos 60 e ativa há cerca de cinco décadas, a sua obra atravessa várias disciplinas artísticas – dança, performance, cinema -, combinando diferentes influências. Entender o trabalho de Yvonne Rainer implica perscrutar as várias camadas que compõem e *enformam* as suas obras; ou, pelo menos, constatar esta justaposição de influências que resultam numa unidade coesa, criando e jogando com descontinuidades sem sucumbir à confusão e à entropia.

Em FEELINGS ARE FACTS, Jack Walsh combina imagens e vídeos de arquivo, excertos dos filmes, espetáculos e ensaios de Rainer, bem como entrevistas a amigos e bailarinos com quem ela colaborou, traçando, cronologicamente, o seu percurso artístico e profissional, e revelando como este se entrelaça com a sua biografia e o contexto sociopolítico em que trabalha.

A carreira artística de Yvonne Rainer inicia-se no universo da dança e da performance, nos anos 50, quando chega a Nova Iorque com Al Held, pintor envolvido no movimento expressionista abstrato. Frequenta a escola de Martha Graham, mas rapidamente percebe que o seu caminho seria com Merce Cunningham e John Cage. Partindo das experiências de Cunningham – que, ainda nos anos 50, começa a desconstruir as estruturas tradicionais da dança, desafiando a noção de coordenação entre a música e a coreografia, explorando a “casualidade” na performance (a ordem dos passos e das sequências de uma dança é decidida aleatoriamente), e contestando a ideia de uma dança narrativa, privilegiando coreografias “não representativas” - Yvonne Rainer e os seus colegas do Judson Dance Theater expandem o conceito de movimento na dança, procurando introduzir ações e movimentos quotidianos no espaço teatral; noção que Rainer continuará a explorar não só nos seus filmes, mas também nas suas mais recentes performances. Um exemplo disso é o trabalho realizado em JOURNEYS FROM BERLIN/1971, com a personagem de Anette Michelson, cujos gestos aparentemente banais foram cuidadosamente coreografados por Rainer durante nove meses.

Ainda nos anos 60, Rainer escreve o seu NO MANIFESTO, revelando o seu intento de destruir completamente todos os preceitos da tradição teatral e a sua vontade de testar os limites da

performance enquanto tal. Surge assim, em 1966, a sua revolucionária dança *Trio A*. Como observa B. Ruby Rich, na sua obra, Rainer elimina tudo o que não é essencial. Esta redução às formas mais básicas aproxima-a do minimalismo. Os princípios da autorreferencialidade deste movimento e a noção de coreografia não representativa de Cunningham surgem, desde logo, nas suas coreografias em que o foco está no movimento (no que se faz), e não num possível significado para o gesto. Efetivamente, neste período, as experiências performativas de Rainer relacionam-se profundamente com as explorações dos escultores minimalistas e, particularmente, com a obra de Robert Morris, com quem trabalhou e viveu; o trabalho de Morris sobre a relação entre o corpo do espectador e a forma escultórica encontra um paralelo no trabalho de Rainer com grupo de improvisação coletiva Grand Union. Enquanto coreografa, Rainer desenvolve uma série de performances com objetos, em que explora a polaridade objeto/sujeito, passivo/ativo, dependente/autónomo (Siona Wilson).

Feelings are facts é o título da autobiografia de Yvonne Rainer, recuperado por Jack Walsh neste documentário. No livro, Rainer revela como esta frase, um adágio do seu psicoterapeuta John Schimmel, se tornou uma premissa para o seu trabalho. A linguagem das emoções recusada pelo movimento minimalista como forma de oposição ao expressionismo abstrato, começa assim a ser explorada por Rainer. No mesmo ano em que desenvolve as suas experiências performativas com o Grand Union, Rainer realiza a sua primeira longa-metragem: *LIVES OF PERFORMERS*; filme que, como assinala Siona Wilson em *Structures of Feeling: Yvonne Rainer circa 1974*, marca uma viragem no sentido de uma maior exploração das emoções e dos sentimentos “como base para uma potencial coletividade social” (Wilson). Os filmes de Rainer revelam um caráter autobiográfico oscilatório (as suas experiências heterossexuais, a descoberta da homossexualidade, a experiência da menopausa, os seus diários de juventude), que se cruza com o universo coletivo. A isto se acrescenta ainda a sua vontade de compreender as ideias com que se debatia a partir das “coisas difíceis” que lia nos anos 70 e 80. Estes conceitos e teorias surgem nos seus filmes quase como resultado de um processo de reflexão e estudo, de uma experiência que permitiria representá-los e, assim, torna-los inteligíveis; para isso, Rainer desenvolve dissertações cinematográficas (sobre as teorias de Laura Mulvey em relação ao *male gaze* no cinema), ou encena as relações entre homens e mulheres heterossexuais em contextos desiguais de poder, a partir das teorias de Fannon e Freud.

Nos filmes de Rainer, o pessoal torna-se político. Da sua carreira como performer à sua passagem pelo cinema, a obra de Rainer revela sempre uma característica: a vontade de interrogar, desafiar e, em certos casos, destruir, todos os limites e pressupostos artísticos e sociais. Yvonne Rainer transforma-se numa “revolucionária profissional”, cujas provocações e atos políticos se materializam nas suas obras sempre com a ironia necessária para enfrentar as absurdas normas e crenças que *enformam* a sociedade patriarcal, racista, homofóbica, e idadista que vai descortinando. Uma luta que fica bem clara num texto de novembro de 1990, “tenho pensado que os meus filmes, de uma forma ou de outra, podem ser vistos como uma interrogação e uma crítica da ‘heterossexualidade’, tanto no seu sentido mais lato como no seu sentido mais socialmente restritivo: a heterossexualidade como baluarte, como proteção, como códigos punitivos contra os desvios das normas sociais que definem e impõem parâmetros de sexo, género, raça, classe e idade. A heterossexualidade, como ela aparece na teoria psicanalítica não menos do que à mesa do pequeno-almoço; a heterossexualidade que tolda a imaginação liberal, felicitando-se pela sua tolerância; a heterossexualidade que mata, aleija e restringe a vida de gays, lésbicas, negros, mulheres, pobres e idosos; a heterossexualidade que equipara a força ao derramamento de sangue. To be continued...”

Sara Oliveira Duarte